

PREVALÊNCIA DO TRATAMENTO MEDICAMENTOSO DE DEPRESSÃO EM ACADÊMICOS DE MEDICINA

Ana Laura Prado Teixeira¹; Luana Paula de Carvalho Gori¹; Fernanda Lucas Avelar Pereira¹; Maria Clara Ferrari Munoz Muniz¹; Sântia Nascimento dos Reis¹
(Dra.)

¹Centro Universitário de Belo Horizonte

E-mail: alpteixeira@hotmail.com

RESUMO

A depressão envolve humor triste, vazio ou irritável, que afeta a funcionalidade do indivíduo. Entre acadêmicos de medicina, é incapacitante e subtratada, revelando que a saúde mental é desafiada pelo contexto dentro do curso. Trata-se de estudo transversal, com objetivo de avaliar a prevalência do tratamento de depressão entre estudantes de Medicina de uma instituição privada de Belo Horizonte, Minas Gerais, usando sexo e idade como variáveis explicativas. A prevalência de depressão nos acadêmicos foi de 27,47% e a prescrição de medicamentos para depressão foi de 32,63%. Apenas 18,83% seguem a prescrição. Dentre os que aderem ao tratamento, 71,83% são mulheres. O uso foi maior entre 17-25 anos (63,38%). O estudo mostrou alta prevalência de depressão entre acadêmicos de medicina, sugerindo sobretratamento medicamentoso. A maior prevalência em mulheres e jovens destaca sua susceptibilidade. Os achados reforçam a necessidade de acompanhamento psicológico e médico contínuo para garantir melhor prognóstico.

Palavras-chave: Depressão; Tratamento farmacológico; Estudantes de medicina.

INTRODUÇÃO

Os transtornos depressivos, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), envolvem humor triste, vazio ou irritável, com alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a funcionalidade do indivíduo. Entre acadêmicos de medicina, são incapacitantes e frequentemente subtratados devido à baixa adesão ou acompanhamento inadequado. A saúde mental é desafiada pelo contexto vivenciado dentro do

curso, por haver sobrecarga acadêmica, discriminação, pressão social por bom desempenho acadêmico e dificuldade de socialização devido à escassez de tempo. Esse cenário de vulnerabilidade é agravado pelas altas demandas acadêmicas, competitividade e exposição precoce a situações de sofrimento humano.

Os fatores associados a impacto negativo na saúde mental da população geral, são particularmente importantes na fase acadêmica. Dentre eles, destacam-se sexo, idade, hábitos de vida não saudáveis, como alimentação inadequada, consumo de álcool e tabagismo, além da história familiar.

Diante desse cenário, o objetivo deste estudo é estimar a prevalência do tratamento medicamentoso de depressão em acadêmicos de medicina de uma instituição de ensino superior privada de Belo Horizonte, Minas Gerais. Essa avaliação pode subsidiar estratégias de intervenção voltadas a automedicação, ao uso correto de medicações prescritas e a promoção de saúde mental relacionada a hábitos de vida saudáveis na instituição.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo transversal realizado com 377 discentes, a partir de uma coleta presencial. A depressão autorreferida, a prescrição de medicamentos e a realização do tratamento de depressão foram identificadas pelas respostas positivas às perguntas, respectivamente: “Já foi diagnosticado com depressão?”, “Já recebeu receita de algum medicamento para depressão?” e “Atualmente, o(a) Sr.(a) está tomando algum medicamento para controlar a depressão?”. Sexo e idade foram variáveis explicativas utilizadas. A análise foi realizada pelo software Stata 16.0 e o estudo teve aprovação pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Belo Horizonte, conforme resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/MS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prevalência de depressão nos acadêmicos de medicina em uma instituição privada de Belo Horizonte foi de 27,47% (n=103), tal resultado demonstra uma clara associação entre a vulnerabilidade da saúde mental e o ambiente acadêmico como fator determinante. Esse dado corrobora com diversos estudos que apontam o espaço universitário como estressor e prejudicial à saúde mental, visto que é caracterizado pela competitividade, pela pressão por desempenho exercida por familiares e por jornadas extenuantes de estudos.

Além disso, foi observado que a prescrição de medicamentos para depressão foi de 32,63% (n=123), o que aponta uma procura clínica significativa por profissionais de saúde mental por parte de uma parcela considerável da população analisada, sugerindo maior nível de instrução e de informação desses indivíduos. Em contrapartida, pode-se demonstrar, também, um possível sobretratamento, influenciado pela escassez de reavaliação clínica e pela dificuldade na implementação de medidas não farmacológicas na rotina dos estudantes, tais como prática regular de atividade física, dieta equilibrada, terapia psicológica, interação social e lazer, fatores que podem ser comprometidos pela carga horária extensa e pela pressão exercida sobre os acadêmicos.

Ademais, apenas 18,83% (n=71) dos estudantes seguem a prescrição, o que reflete o estigma que ainda permeia o uso de psicotrópicos, frequentemente associados à incapacidade cognitiva e à dependência farmacológica. Dentre os que aderem ao tratamento, 71,83% (n=51) são mulheres e 28,17% (n=20), homens. Esses dados refletem tanto o perfil do curso, que atualmente tem aumentado significativamente o índice de mulheres matriculadas, quanto a maior vulnerabilidade feminina ao adoecimento mental. Somado a isso, verifica-se, também, menor prevalência de homens que buscam atendimento profissional e aderem ao tratamento medicamentoso, fato que pode ser relacionado a prerrogativa de que a saúde mental é frequentemente associada à fragilidade social e cultural entre o sexo masculino.

O uso de medicamentos foi maior entre 17-25 anos (63,38%, n=45) do que entre 25-49 anos (36,62%, n=26), indicando o impacto da pressão social na

construção da autonomia dos jovens, promovendo maiores danos e acometimentos mentais, podendo ser relacionado à progressão crescente da dependência precoce de intervenção medicamentosa. Entretanto, esses dados podem refletir um maior reconhecimento da importância da saúde mental da faixa etária prevalente, bem como uma maior procura aos serviços de saúde, o que pode ser atrelado à maior compreensão e à disseminação de informações do contexto de saúde mental.

CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou alta prevalência de depressão entre acadêmicos de medicina, a qual pode estar associado ao ambiente acadêmico e à rotina vivenciada por esses indivíduos. Tal achado também pode sugerir um sobretratamento farmacológico decorrente do desafio de incrementar medidas de suporte não medicamentoso ao cotidiano dos estudantes.

Além disso, a maior prevalência observada em mulheres pode ser apontada pela maior vulnerabilidade desse grupo social. De maneira semelhante, a associação com as faixas etárias mais jovens destaca sua maior susceptibilidade ao adoecimento mental. Portanto, tais achados demonstram que é evidente a necessidade de acompanhamento psicológico e médico contínuo para reavaliação clínica e medicamentosa dos pacientes. Além disso, ressalta-se a importância da implementação de medidas de intervenções voltadas ao combate do estigma dentro das universidades, garantindo melhor adesão ao tratamento e buscando o melhor prognóstico.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

PACHECO, J. P. G.; GIACOMELLI, C.; TAMANINI, C.; et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 39: 369-378, 2017.

LELIS, L. A.; SOUZA, R. A.; PEREIRA, M. A. et al. Prevalência do uso de drogas antidepressivas por estudantes da área da saúde no Brasil. *Research, Society and Development*, 10(11): e1964119641, 2021.

Fomento: Projeto vinculado ao Programa Pró-Ciência do Ecossistema Ânima - Avaliação de fatores de risco associados à depressão em acadêmicos de medicina de uma instituição privada de Belo Horizonte